

## **As benzedoras do Rio de Contas e os desafios às Ciências Sociais**

Gilberto Orácio Aguiar  
Doutorando em Ciências Sociais – PUC/SP

**Resumo:** O presente texto tem como objetivo lançar questionamentos sobre a relação das ciências sociais com as práticas populares da benzedura. Localizada no sudoeste da Bahia, mais precisamente em Rio de Contas, voltamos na memória destas mulheres rezadeiras para abrirmos ao mistério nossas mentes e deslumbrarmos a prática de fé das mesmas que rezam e de quem as procura na busca de respostas e de cura para suas enfermidades. Em as benzedoras do Rio de Contas encontramos setas que nos questionam muito mais do que nos indicam verdades. Estudar, analisar e verificar a prática da benzedura é um momento sublime de encontro do sagrado onde a ciência já declarou sua morte.

**Palavras chave:** Benzeduras, benzedoras, memória, tradição, cidadania.

Ao escrever este texto penso no que um grupo de mulheres negras benzedoras e anônimas, localizadas em Rio de Contas - Ba, muitas delas nunca saíram daquelas montanhas, pode dizer às Ciências Sociais ou exigir algo das mesmas? Como as Ciências Sociais situa a prática das benzeduras num tempo declarado pelas mesmas como sendo de desencantamento e de secularização? E mais, quais os desafios que estas mulheres negras benzedoras impõem às Ciências Sociais? Estas e muitas outras questões talvez fiquem sem respostas imediatas, mas lhes garanto que algumas considerações serão tecidas, ao menos para expor a complexidade em que estamos situados com a questão das benzeduras em tempos considerados pelos intelectuais de secular ou desencantado.

A cidade de Rio de Contas situa-se no centro da Bahia, ao sudoeste do Parque Nacional da Chapada Diamantina. A sede está situada com 70% do seu território a 600m do nível do mar. Esta cidade “abriga hoje as comunidades remanescentes de três... povoados quilombolas, quilombo da Barra, Bananal e Riacho das Pedras” (ANJOS, 2006, p. 153).

Tudo teve início no século XVI, quando houve o naufrágio de um navio negreiro, no local onde hoje se situa a cidade de Itacaré. Os negros e negras sobreviventes subiram, depois de nadarem até a praia, “o curso do Rio das Contas, sertão acima, a procura de segurança e isolamento para se estabelecerem. Ficaram nas cabeceiras do Rio Brumado cultivando a terra e caçando, mantendo suas culturas e língua originais” (ANJOS, 2006, p. 153). Esta afirmação nos ajuda a entender o que hoje se percebe quando chegamos nestas terras: presenciamos uma forte presença negra. Daí que os costumes também são evidentemente guardados e transmitidos entre as gerações. Entre estes costumes encontramos a prática das benzeduras. Estas são com uma arte. No dizer de René Penna Chaves (1976) podem ser consideradas a “arte de curar, de aliviar e de consolar (p. 2).

As mulheres negras que desenvolvem o ato da benzedura não se utilizam somente dos aspectos africanos, mas o exercício da benzedura é fortemente marcado por elementos do catolicismo e das práticas indígenas da pajelança. Isto reforça a concepção de que na Diáspora negra aconteceram negociações para que a cultura fosse preservada. É o que podemos chamar de resistência cultural. A mescla das culturas indígena e negra na benzedura das mulheres negras é sentida na receita de remédios naturais, banhos e na utilização de elementos indígenas. Na verdade, não se sabe ao certo onde começa ou termina a influência de uma cultura noutra. Tudo se combina. Expressando assim, percebe-se uma combinação benéfica que procura auxiliar as pessoas necessitadas na busca por cura de suas enfermidades.

As manifestações culturais das diversas Áfricas são percebidas por todos os estudiosos deste continente como muito religiosas. Aliás, não só a costa africana de onde os negros e negras foram arrastados para cá têm marcas religiosas profundas, mas, todo o continente africano é voltado para o transcendente. Isto na diáspora negra torna-se presente sob diversas formas adaptadas e uma delas é a benzedura que sutaliza das forças espirituais de cura dos corpos doentes, por meio da força da palavra e de gestos prenhes de simbologia.

Ainda referindo-nos à questão das benzedeadas, existem muitas resistências às benzeduras e percebe-se também uma queda considerável do número de pessoas praticantes da benzedura. As pessoas mais jovens se afastam destas práticas e com isso a tradição está ficando esquecida. Muitas pessoas abandonam o seu espaço de origem

mudando-se para os centros urbanos e nestes locais não realizam mais as práticas terapêuticas da benzedura. Isto acontece porque talvez

“as benzedadeiras que vivem em um contexto urbano perdem um pouco da hegemonia – que haviam adquirido junto aos seus pares em um universo rural –, pela própria dinâmica desse meio, dividindo seu espaço com várias outras práticas, inclusive com benzedadeiras de correntes diferentes (umbandista, kardecista...), além da presença mais constante do médico, apesar das limitações do Sistema Público de Saúde e a conseqüente carência de assistência médico-hospitalar” (SOUZA, 1999, p. 27).

Recuperar esta atividade de cura e direcioná-la para um diálogo com a medicina convencional é resgatar a identidade negra e lutar contra a discriminação racial das populações afro-descendentes. Pois a mesma discriminação racial “contra a população afro-descendente tanto se dá em relação a variáveis raciais, visíveis na constituição fenotípica, quanto em relação às variáveis étnicas, entendidas como aspectos culturais também de menor valia” (FERREIRA *apud* AGUIAR, 2006, p.33). Isto é, a luta contra o racismo na sociedade brasileira se expressa sob diversos aspectos. Daí que é urgente começarmos um trabalho de articulação comunitária para lutarmos contra o mesmo por meio de projetos que manifestem a afirmação da cultura afro-brasileira, principalmente valorizando aspectos religiosos da cultura destas mulheres negras benzedadeiras.

Após a localização geográfica de um grupo de benzedadeiras negras e da argumentação teórica sobre as mesmas podemos concluir que a fala das mesmas passa pela chamada de atenção a um mundo que mesmo sem conhecê-las julga que as conhece. Pois, em todo este tempo que as Ciências Sociais disseram que estamos num período de secularização, morte do sagrado, Modernidade e tantos outros adjetivos, nesta localidade crianças e adultos continuaram sendo visitadas pela cura através das mãos destas mulheres portadoras da vida, portadoras da única chama que nunca deixou de fumerar restabelecendo a saúde de corpos e espíritos doentes. Estas mulheres em seu silêncio dizem-nos que a religiosidade é algo muito forte e que pode parecer apagada num certo

período, mas que funciona como brasas sob cinzas. Estão lá, e a qualquer vento mais forte acendem vigorosas como se nunca tivessem sido apagadas. A crença nas benzedeadas, em seus poderes de gestos e palavras é penetrante e eficaz. Sobrevive além dos dizeres dos médicos e entendidos de medicina e teologia, pois na prática, funcionam melhor do que as palavras frias e sem vida destes homens dominadores de letras mortas. A palavra das benzedeadas é prenhe de vida e de poder. Seus gestos certos e seqüenciais são carregados da força curadora e renovadora.

A eficácia exercida sobre os corpos doentes, pela prática das benzedeadas, é acompanhada da experiência e da certeza de que aquele gesto e aquelas palavras são o melhor para a pessoa em evidência. O que chamamos de eficácia simbólica, para aquelas benzedeadas e para quem as procura, é garantia de cura e certeza de restabelecimento físico e espiritual. Pois quando alguém se dirige a uma benzedeadas o faz na certeza de que tudo sairá bem.

Daí que é importante notar que se para as Ciências Sociais a secularização e o desencantamento do mundo marcado pela Modernidade trouxeram o esfriamento da fé e um desinteresse pelo mágico e sagrado, por outro lado percebemos que a Modernidade e as práticas mágicas conviveram e convivem simultaneamente com os aspectos da religiosidade quase que escondidos das benzedeadas. Passando por Rio de Contas, cidade interiorana na Chapada Diamantina, encontram-se latas de bebidas importadas, sinal da globalização em que vive o planeta, porém lá, parece que o tempo parou num período de escravos e senhores. Numa época em que a medicina deixava a desejar. Porém, mesmo com medicina as pessoas procuram a oração e os gestos eficazes da benzedeadas negra portadora do axé. Este transferido a ela por seus antepassados. E que continuará sendo transmitido a outras gerações, a menos que não encontrem mais pessoas indicadas para exercer o “Dom.”

Situados neste contexto abre-se para nós uma grande cortina do espetáculo da vida cotidiana: a realidade “invisível” ou inexistente para muitos destas práticas consideradas como obsoleta, demoníaca ou ultrapassada. Estas mulheres negras de Rio de Contas nos apontam para o exercício da cidadania através do exercício da benzedura. Pois ao exercerem o seu *status* de detentoras do axé natural, ativado pelo aprendizado com os antepassados, elas o fazem em nome de sua cidadania e da cidadania de quem as procura.

É a cidadania dos corpos que está em jogo. Seus corpos adquirem prestígios e os corpos doentes de outrora voltam às suas lidas restabelecidos e dignificados. As mulheres negras benzedoras da montanha têm suas práticas legitimadas pelo contexto da coletividade, o que faz das mesmas detentoras de poderes inquestionáveis e ao mesmo tempo decisivos na recuperação da vida esmagada pelas mazelas sociais e pela dor física. E a questão continua em aberto para novos estudiosos capazes de se curvarem diante deste mistério e estudarem o fenômeno mágico embutido na realidade transcendental da vida destas mulheres negras da montanha. Ou seja, para se estudar estas questões há uma exigência para se sair do comodismo acadêmico e descer os degraus do anonimato rural ao encontro destas realidades e vê-las não como objetos de estudos, mas como sujeitas de mudança e reestruturação social. Eis o maior desafio posto aos acadêmicos e acadêmicas das Ciências Sociais.

#### **5. Referência bibliográfica:**

AGUIAR, Gilberto Orácio de. *Religião, negritude e cidadania. A experiência do Instituto Cultural Steve Biko contra a discriminação racial*. Dissertação de Mestrado – Universidade Católica de Goiás, 2006.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo. (Pesq.) & CIPRIANO, André (Fot.). *Quilombolas, tradições e cultura da resistência*. São Paulo: Aori Comunicação, 2006.

CAVALCANTE, Simone Gadêlha. *Entre ciência e reza: estudo de caso sobre a incorporação das rezadeiras ao Programa de Saúde da Família no município de Maranguape – CE*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2006.

CHAVES, René Penna. *Medicina antropológica*. São Paulo: Sarvier, 1976.

FERREIRA, Ricardo Franklin. *Afro-descendente: identidade em construção*. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

SOUZA, Grayce Mayre Bonfim. *Ramos, rezas e raízes – A benzedura em Vitória da Conquista – BA*. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1999.